

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 153-154, julho-dezembro 2016

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2016.2.29241>

APRESENTAÇÃO

Do corpo ao Divino: o impulso humano à comunhão

From the body to the Divine: the human impulso to communion

Cássio Murilo Dias da Silva

Editor

O primeiro relato bíblico, a criação conforme a versão atribuída ao autor sacerdotal, culmina com a criação de um ser impregnado pela necessidade de buscar a comunhão. Ao apresentar à corte celeste seu projeto acerca da criatura à qual confiará toda a sua obra, Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança” (Gn 1,26). E o fato de ter criado um ser duplo – homem e mulher (v. 27) – anuncia que já fazia parte dos planos divinos a necessidade de o ser humano praticar a comunhão para se tornar verdadeiramente imagem e semelhança de seu criador. O que já estava inscrito na natureza, Deus o deixa como mandamento: as duas primeiras palavras que Deus dirige aos recém-criados homem e mulher são diretrizes existenciais que implicam a comunhão: “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28). Não é por acaso que a queda narrada no capítulo 3 do Gênesis é marcada pela ruptura da comunhão: a ruptura da comunhão entre o casal humano e Deus, e a ruptura entre o homem e a mulher. Com esta linguagem mítica, a Bíblia inicia a história da humanidade como uma contínua busca de comunhão. Uma busca marcada por acertos e erros, por avanços e retrocessos, por luzes e sombras.

Este fascículo de *Teocomunicação* reúne quatro artigos ligados pelo tema da comunhão. Quatro aspectos que se completam: a comunhão da pessoa humana com seu próprio corpo, a comunhão com a própria existência, a comunhão com Deus, a comunhão entre os que creem em Deus.

A comunhão com o próprio corpo é objeto do artigo “Reflexões sobre o corpo ‘intimamente estranho’ a partir do diário de um corpo, de Daniel Pennac”. Tendo como perspectiva crítica a antropologia teológica, Gabriel Perissé analisa a obra *Diário de um corpo* e nos leva a refletir sobre a irrenunciável experiência corporal para nossa autocompreensão que, em última análise, é fundamento da comunhão da pessoa consigo mesma.

A seguir, a comunhão com a própria existência é discutida por Leomar Antonio Brustolin e Patrícia Espíndola de Lima Teixeira em “A experiência humana da morte e a esperança cristã no testemunho de Edith Stein”. O ponto de partida é a busca do sentido e da significação da morte à luz da experiência cristã. A consciência da finitude



obriga a pessoa humana a responder questões profundas e, para tanto, a colocar no tabuleiro a conversão, a esperança eterna e a comunhão. Como ilustração deste processo interior, o artigo apresenta a experiência de Edith Stein, vítima de Auschwitz. Para ela, o sofrimento pessoal, bem como o sofrimento da humanidade, tem sentido no sofrimento de Cristo, com o qual é necessário estar em comunhão.

A comunhão com Deus é também um atributo imprescindível para quem assume a tarefa de escrever um ícone. Partindo deste pressuposto, Maria Ródica Tutas apresenta em “O perfil do iconógrafo” não só uma reflexão sobre os requisitos dos praticantes da arte iconográfica, mas também as facetas desta arte: função ética, função social e função litúrgica. Ao ressaltar a espiritualidade do artista, o artigo vincula contemplação e mensagem divina e enfatiza a responsabilidade do iconógrafo no serviço à verdade.

Esta comunhão com Deus é causa da comunhão dos que creem nele. Assim, em “Ascensão da consciência e fé na humanidade”, Thiago de Moliner Eufrásio e Leandro Luis Bedin Fontana discutem a influência da teologia de Teilhard de Chardin nos discursos dos Papas nos encontros inter-religiosos pela paz em Assis de 1986, 2011 e 2016. O estudo afirma que o ponto comum é a compreensão de que o diálogo e a hospitalidade são elementos que permitem à humanidade descobrir sua verdadeira vocação e seu destino comum. Mais ainda, que a valorização da alteridade é expressão do humanismo amadurecido na vivência do evangelho.

Estas quatro facetas do impulso humano à comunhão são provocativas e formam um mosaico que será sempre incompleto, uma vez que a derradeira pedra será colocada somente na conflagração da epopeia humana em Deus. Enquanto a humanidade segue seu curso na história, haverá sempre a necessidade de reinventar caminhos e estratégias de comunhão, do homem com seu corpo, com sua existência, com seu Deus e com os que nele acreditam.